

## UM POEMA DE RAIMUNDO VARÃO

*Sânzio de Azevedo*

### 1. INTRODUÇÃO

Sabem os que se dedicam à pesquisa literária quanto é árduo e muita vez ingrato esse trabalho. Já não falamos da procura de velhos livros, pois estes, quando os encontramos nos "sebos" ou em coleções de amigos, geralmente compensam de uma só vez todos os anos de busca, se os houve; falamos da pesquisa em frágeis e amareladas páginas de periódicos antigos, onde, às vezes a partir do nada, vamos exumando, ora daqui, ora dali, pequenos fragmentos com que possamos reconstituir uma trajetória há muito perdida. Isso, sem falar no fato de inúmeras vezes os velhos jornais se encontrarem em fase de decomposição, quando não criminosamente cortados a gilete. . .

Mas os escarafunchadores de arquivos também sabem do imenso e indescrevível prazer que sentimos quando, ao virar a empoeirada página de algum jornal extinto, nossa vista se projeta sobre o desconhecido texto de um autor que nos é familiar, mas do qual não imaginávamos houvesse mais nada ainda por descobrir.

É o caso, entre outros muitos, de Raimundo Varão, poeta de quem há muito conhecíamos e admirávamos vários poemas, uns, por ouvi-los recitados no lar paterno (Otacílio de Azevedo convivera com ele por volta de 1912 e 13), outros, por havê-los lido na copiosa *História da Literatura Cearense*, de Dolor Barreira. Assinada pelo poeta, exumamos, de um jornal de 1913, "A Canção dos Românticos", que incluímos em nossa *Literatura Cearense* (1976), editada pela Academia Cearense de Letras. Mais recentemente, encontramos por acaso, pois pesquisávamos sobre outros autores no momento, "A Canção dos Poetas Míseros", no mesmo jornal, do mesmo ano. Este último poema constitui o tema central do presente estudo.

### 2. RAIMUNDO VARÃO

Figura estranha, cercada de enigmas, Raimundo Varão residiu em Fortaleza de 1911 a 1915, aproximadamente, tendo trabalhado na Fotografia N.

Olsen (onde foi companheiro de Otacílio de Azevedo, então adolescente), e no **Jornal do Ceará**. Dolor Barreira escreveu: "Raimundo Varão não era cearense, mas natural do Piauí, segundo estou informado."<sup>1</sup> Otacílio de Azevedo, porém, costumava dizer que ele era paulista, o que era confirmado por Luís de Castro, mas que nunca pudemos apurar. Num trabalho estampado na **Revista da Academia Cearense de Letras** de 1964, e incluído com acréscimos no livro **Fortaleza Descalça**, de reminiscências, é assim que o poeta de **Alma Ansiosa** descreve o estranho aedo: "Varão era alto, magro, perfil grego, sobrancelhas espessas e juntas, olhos fundos, com olheiras cor de azinhavre. O rosto, muito branco, era um mapa-mundi de veias azuladas. Não dava muito valor à higiene e, quando vestia uma camisa, esta acabava-se-lhe em tiras sobre o corpo. Debaixo dessa imundície, porém, batia um verdadeiro coração de poeta." E, adiante, depois de dizer que, apesar disso, ele lavava cuidadosamente as mãos para manusear seus livros (na maioria estrangeiros) "imaculadamente limpos, sem um risco, sem uma nódoa", e de revelar que era um esquisito, passando muitos dias sem cumprimentar a ninguém, observa Otacílio de Azevedo: "Varão possuía uma particularidade interessante: tinha seis dedos em cada mão, o que lhe aumentava o misterioso aspecto e talvez justificasse o seu comportamento esdrúxulo."<sup>2</sup>

Raimundo Varão publicou dois poemets, **A Morte da Águia** (1914) e **Glatigny** (1915), deixando inéditas as **Rosas de Sodoma** e os **Sonhos e Batalhas**, onde pretendia reunir toda a sua produção poética. Quanto ao primeiro, de fortes notas à Guerra Junqueiro ("O Poeta é como a Águia, anseia o Infinito, / — Olhar na Luz da Idéia eternamente fito — / Desdenha o Mundo vil e a Existência ilusória. . . / — E voa. . . e cai. . . e morre olhando o Sol da Glória!. . ."), traz data de 1914, e é nesse ano que Dolor Barreira registra seu aparecimento em sua obra, mas na verdade veio a lume no fim do ano anterior, uma vez que **A Imprensa**, de Canindé (jornal que consultamos graças à gentileza de José Cordeiro), publicava em dezembro de 1913 matéria de caráter humorístico, assinada por Claudius, e datada do dia 5, onde se lê que "Raimundo Varão, o poeta estranho e terrível, acaba de dar à luz da publicidade um livro de versos — **A Morte da Águia**, no qual revela algum talento, aliado a uma vaga percepção da realidade das cousas. . ."<sup>3</sup>

Dolor Barreira, com seu admirável senso de justiça, compreendeu que, não obstante o fato de haver nascido fora do Ceará, tendo mesmo vivido aqui durante poucos anos, Raimundo Varão pode e deve figurar na história de nossas letras, razão por que fez questão de reunir, em sua **História da Literatura Cearense**, o maior número possível de composições de sua autoria. No terceiro volume, de 1954, falando da revista **Walhala**, de 1911, transcreve o historiador, de Raimundo Varão, "Mademoiselle Ibis", "À Tua Sombra", "Versos a Ondina", "O Livro", "Pensando em Ti", "Um Soneto d'Amor", "Via

Sacra", "Alucinado" e "Ante a Imagem de Santa Teresa de Jesus", acrescentando o soneto "Fortaleza" (que figurara n'O Ceará, de Raimundo Girão e Martins Filho – 2a. ed., 1945), o poema "Sospiro d'Amore" e, no tocante a 1914, o citado **A Morte da Águia**. Estranhamos apenas que Dolor Barreira, ao falar da revista **Fênix**, não haja dito que "Um Soneto d'Amor" e "Via Sacra" figuraram nessa revista, nos números de fevereiro e março de 1913, respectivamente. No quarto volume, de 1962, reproduz o poemeto **Glatigny**, de 1915, e o soneto "Visão Noturna".

Ao se referir à revista **Walhala**, onde não há versos que não sejam de Varão, observa Dolor Barreira: "A Revista mencionada está referta de poesias e sonetos seus, onde se sente, acentuada, a influência da poética simbolista."<sup>4</sup>

É verdade que a maioria desses poemas ostenta mais traços românticos do que simbolistas, mas isso não invalida a afirmação do historiador, uma vez que, ao lado dessas produções, há efetivamente algumas com notas de Decadismo, sem se falar nas afinidades que há entre Romantismo e Simbolismo. "Mademoiselle Ibis", por exemplo, pende mais para o puro Romantismo do que para qualquer outra corrente: "Quando a vejo passar, franzina e leve, / Mais delicada e frágil que as verbenas, / Penso que aquele traje ocultar deve / A rainha gracil das açucenas. . ." Mas o soneto "Alucinado" é decadentista, sendo evidente a presença desse estilo desde a menção a uma pantera ladrando contra Deus à cena final, deliberadamente profana:

Ardendo em chamas de infernal cratera,  
Ao ver-te o corpo escultural, divino,  
Sinto rugir-me n'alma uma pantera  
Que ladra contra Deus e o meu destino. . .

Tu és a flor em plena primavera,  
Eu sou o mendigo, o verme pequenino. . .  
Deixa rolar no abismo da químera  
A paixão deste amor, que não domino.

Vive, mulher, e sê feliz! — Um dia,  
Quando houveres baixado à campa fria,  
Na febre dos desejos indomados,

Irei, partindo o mármore das lousas,  
Visitar o mistério em que repousas  
Para beijar-te. . . os ossos descarnados!

Menos Decadentismo e mais Simbolismo vemos nos versos suaves do soneto "Visão Noturna", cujo segundo quarteto diz: "Na mórbida indolência

que desliza, / A sua forma clássica, esmerada, / Lembra um cisne de luar que se eteriza / No mar de luz da esfera constelada." Isso, sem embargo dessa indolência mórbida. . .

Cruz Filho, grande parnasiano cearense, disse mais de uma vez ao autor deste trabalho haver ouvido de Raimundo Varão um soneto do qual pôde guardar apenas o verso final, que dizia: "Roer-te os ossos como um cão faminto!"

No poema "A Canção dos Românticos", que fomos encontrar no extinto jornal **Folha do Povo** do dia 26 de junho de 1913, composto de sete estrofes, talvez alguém possa ver algo de byroniano na alusão à mancenilha (planta de látex venenoso) na primeira estrofe: "Amortalhados na ilusão primeira, / Seduziu-nos o aroma da baunilha / — E sonhamos de amor a vida inteira / Sob a sombra feliz da mancenilha." Não devemos esquecer, porém, os pontos de contato entre o Decadismo e o Ultra-romantismo. Notadamente ao lermos o final da composição:

E o que nos resta enfim? . . Nada nos resta  
Desse Passado — amargo ao recordar,  
— Fogo-fátuo num combro de floresta,  
— Sombra perdida, além, a soluçar.

Nada importa, porém. — Lassos, cansados,  
À Luz crepuscular da lua-nova,  
Coroemos os rostos macerados  
Para a boda final — no chão da cova! . .

Mas não é deste poema que pretendemos falar aqui, e sim de outro, igualmente desconhecido ("A Canção dos Românticos", ao que saibamos, antes de transcrita em nossa **Literatura Cearense**, de 1976, havia figurado apenas na **Folha do Povo**), e que exumamos do mesmo periódico.

### 3. A CANÇÃO DOS POETAS MÍSEROS

Estampada na **Folha do Povo** do dia 13 de abril de 1913 (portanto dois meses e treze dias antes de "A Canção dos Românticos"), "A Canção dos Poetas Míseros" é, como aquela, composta de sete estrofes em versos decassílabos, com predomínio de heróicos (icto na sexta sílaba). Transcrevemo-la na íntegra:

Oh! bendita a Ignorância, este intermédio  
Que é negro muro entre a irrisão e a palma. . .  
— Ai! choremos o mal que é sem remédio,  
Esse cancro de luz que temos n'alma. . .

Nós — os filhos da Raça Abandonada  
Que tudo sacrifica ao Pensamento —  
Resvalemos nas ondas da enxurrada  
— Prêmio que cabe à Dor e ao Sofrimento. . .

— Horda inútil de inúteis visionários,  
— Só temos entre os nossos semelhantes  
As cruzes que arrastamos aos Calvários  
E o arrebol de crepúsculos distantes. . .

Fôssemos nós as rochas das cisternas,  
O cardo agreste, as heras dos caminhos,  
O baço olhar dos monstros das cavernas,  
O aroma, a flor, a voz dos passarinhos. . .

Já provamos a dor que não tem termo,  
— Vimos em tudo a angústia, o desconforto,  
E guardamos em nosso peito enfermo  
A estagnação das trevas do Mar Morto. . .

E é a mesma a proscricção — a mesma luta. . .  
— Sempre a coorte dos pálidos vencidos. . .  
— Terra, abre os seios! — na matéria bruta  
Dá-nos alívio aos corpos doloridos . . .

A inconsciência da rocha taciturna. . .  
— Da argila, ao mesmo tempo imunda e casta,  
Queremos essa paz erma e soturna,  
Que o cansaço da Vida já nos basta. . .

Nestes versos, o autor chega à amarga conclusão de que é um mal ser poeta, isto é, ser um Ente singular, marcado pela predestinação à Arte que, para ele, em vez de uma bênção, é uma maldição. Isto coincide, aliás, com a postura assumida por não poucos simbolistas ou decadentistas diante do problema. José Carlos Seabra Pereira, no seu fundamental livro *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, identifica na poesia de seu país, nessa fase, diversos temas comuns a vários autores: entre tantos, "Aniquilação do sentir ou *mors liberatrix*", "*Taedium vitae*", "Aristocratismo e insulamento" e "Avatar do poeta maldito", bem como o "Pessimismo fatalista", "Desânimo e apatia", e a "Evasão".

Ao tratar do "Avatar do poeta maldito", assinala o crítico lusitano:

“. . . na lírica **novista** portuguesa depara-se-nos amiúde a convicção, entre dolorosa e galvanizante, de que o poeta é vítima de uma particular predestinação para a angústia ou para a desgraça, de que os fados, que o privilegiaram com os dons criadores, ao mesmo tempo o votaram a uma amaldiçoada existência”.<sup>5</sup>

Estas palavras se aplicam admiravelmente ao presente texto de Raimundo Varão, onde se encontram ainda claras notas de outras características, como “Aristocratismo e insulamento”, já que, segundo a cosmovisão do autor, os poetas são entes singulares, diferenciados dos demais, embora isto reverta em malefício para eles; também o “*Taedium vitae*” está presente, expresso nessa “estagnação das trevas do Mar Morto”, da sexta estrofe, e sobretudo no “cansaço da Vida” do verso final do poema; a “*Mors liberatrix*” é também evidente, quando, nos versos derradeiros da penúltima estrofe, o poeta implora à Terra que dê alívio aos corpos doloridos desses eleitos do Infortúnio, e, nos últimos versos do poema, ao dizer explicitamente que desejam (eles, os poetas míseros) a “paz erma e soturna”, que outra coisa não é senão a Morte, que os libertará da dor de existir, pensamento tipicamente schopenhaueriano.

Ainda outros temas poderíamos apontar nesse poema, como o “Pessimismo fatalista”, sobretudo nesse “mal que é sem remédio”, da primeira estrofe; “Desânimo e apatia”, nessa prostração que leva o poeta a falar, na sexta estância, na “coorte dos pálidos vencidos”, e por fim a “Evasão”, que outra coisa não é senão essa ânsia de aniquilamento, que é como se fosse a busca do Nirvana búdico.

Para completar o quadro de acentos decadistas e simbolistas, vejamos as maiúsculas alegorizadoras na primeira estrofe (em Ignorância), na segunda (Raça Abandonada, Pensamento, Dor e Sofrimento) e, na sétima e última (Vida).

Seria então o caso de classificarmos Raimundo Varão como um poeta simbolista? Rigorosamente, cremos que não: no panorama da poesia cearense, seria mais justo chamá-lo de neo-simbolista, deixando a denominação de simbolista para um Lopes Filho ou um Lívio Barreto, ou seja, para aqueles que, no fim do século XIX, ergueram pela primeira vez a bandeira do Símbolo em nossa terra, ao tempo da Padaria Espiritual. É que, segundo verificamos ao longo de anos de estudo, e várias vezes já afirmamos, depois dos primeiros simbolistas vieram, já no início do século XX, os chamados parnasianos. Conviveriam com eles os que, como Raimundo Varão, chamamos de neo-simbolistas.

#### 4. CONCLUSÃO

Não sabemos certamente se ainda existem ou não produções poéticas

de Raimundo Varão escondidas sob a poeira dos velhos periódicos. E a verdade é que, ao exumar das páginas da **Folha do Povo** "A Canção dos Poetas Miseráveis", não tivemos, evidentemente, a pretensão de haver feito uma descoberta memorável. Temos, entretanto, dentro da humildade que o próprio trabalho de pesquisa nos impõe, a esperança de que, com a divulgação desse poema, possamos contribuir, com uma parcela pequena que seja, para que cada vez menos desconhecido seja esse bizarro e notável poeta, vindo não se sabe ao certo de onde, e que, segundo informação do poeta Luís de Castro, teria ido para o Rio de Janeiro,<sup>6</sup> mas que aqui, no Ceará, publicou os únicos poemas seus de que temos notícia.

O que ele não pôde ter foi o túmulo em nossa cidade, como disse desejar no belo poema com que celebrou a capital cearense, o soneto "Fortaleza", talvez a sua mais conhecida produção, que figura em **O Ceará**, 2a. edição (1945), de Raimundo Girão e Martins Filho; no **Cancioneiro da Cidade de Fortaleza** (1953 – 2a. edição, 1973), de Artur Eduardo Benevides; na **História da Literatura Cearense**, 3o. volume (1954), de Dolor Barreira; em **Literatura Cearense** (1976), de nossa autoria, e em **Fortaleza Descalça** (1980), de Otacílio de Azevedo.

Encerremos este trabalho com a transcrição do soneto que, provavelmente no Rio de Janeiro, escreveu Raimundo Varão, ao evocar nossa cidade:

Lá, sob um claro céu de azul-turquesa,  
onde o sol seu tesouro em luz descerra,  
Lá fulge a legendária Fortaleza,  
Como um raro brilhante sobre a Terra.

Como um sacro penhor da Natureza,  
Como um beijo auroral que a vida encerra,  
Longínqua e bela, a lânguida princesa,  
Arfando o peito, geme e os olhos cerra.

Porque nos batem temporais medonhos  
E tivemos no mundo a mesma sorte,  
Ó casta Fortaleza dos meus sonhos,

Meu derradeiro e desvelado anseio  
É ter a paz na comunhão da Morte,  
Dormindo em sete palmos do teu seio. . .

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Fortaleza, A. Batista Fontenele, v. 3, 1954, p. 45.
- 2 AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça**. Fortaleza, Edições UFC, 1980, pp. 202-3.
- 3 **A Imprensa**, Canindé, 14 de dezembro de 1913, p. 1.
- 4 BARREIRA, Dolor, op. e loc. cit.
- 5 PEREIRA, José Carlos Seabra. **Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa**. Coimbra, Coimbra Editora, 1975, p. 336.
- 6 Apud SÓLDON, Renato. **Verve Cearense**. Rio de Janeiro, Edição do Autor, 1969, p. 199.